

METÁFORAS DA MODA**No Rumo das Novas Sensibilidades****Lucine Cury**

RESUMO: O artigo trata da questão dos novos modos de saber, compreendendo as várias sensibilidades que compõem a natureza do ser humano, aí incluídas, as relacionadas à afetividade, à emoção. Nesse sentido, a **Moda** pode ser analisada através desse modo humano de estar no mundo, como é proposto neste trabalho.

A partir da concepção de que há hoje uma outra maneira de estar no mundo, muito mais complexa e conectada com as inúmeras facetas do ser humano, numa situação já instalada, de dimensões interplanetárias, parte-se em busca de um modelo mais adequado para compreender e interpretar essa nova realidade. Tal modelo sustenta a necessidade de acrescentar à decantada racionalidade clássica, um sem número de ingredientes capazes de completar a massa que se pretende constituir, para bem traduzir a situação do homem no mundo.

Assim, o afeto, a paixão, enfim - **as sensibilidades em geral** - são elementos essenciais nessa composição para melhor alcançar o coração das coisas, como propõe MAFFESOLI em sua obra. Trata-se de uma união do corpo e do espírito, de maneira equilibrada, sem exacerbar o pensamento racional como se fosse o todo-poderoso, o único, o detonador de toda ação humana, a única forma de saber e passa a considerar o que também pode ser denominado - **saber corporal ouorgânico**.

É a busca da compreensão de uma nova realidade, uma realidade mundana, que nada mais é do que “o estar no mundo”, verdadeiramente nele, vivenciando-o e não pensando-o. Exige-se um outro tipo de lógica que percebe o todo em que cada um está circunscrito, inserido, refletido.

Esta nova lógica, também denominada de **razão sensível** por MAFFESOLI, passa a ser a maneira mais eficaz de compreender a vida, no que ela tem de concreto, no cotidiano das relações e interações, numa espécie de teia.

De forma que as diversas representações humanas e dentre elas, a **MODA**, ou o “**Sistema da Moda**” (BARTHES) nas suas múltiplas facetas, faz parte das interações complexas que são a própria coisa humana, o concreto do homem, que serve de fundamento a uma abordagem estética da vida social, no espaço dos afetos.

No recorte específico da **MODA** podem ser encontrados muitos dos aspectos humanos, como expressão dos modos de viver, de estar no mundo, através dos grupos de pessoas que compartilham idéias, comportamentos, padrões estéticos, artísticos e de beleza, também definidos pelas tribos, conforme inspiração de MAFFESOLI. Assim entendida, a **MODA** figura no cume da existência de cada um no âmbito

do tecido social, seja ele local ou global e a essa questão dedicaremos nossa reflexão a partir de agora.

São muitas as conseqüências destes tempos e espaços múltiplos que se propõem para análise. Dentre elas, a Pós - Modernidade ou o retorno ao local, a importância da tribo e a colagem mitológica.

O local como vínculo, que não se constitui a partir de um ideal longínquo, mas, que ao contrário, baseia-se organicamente na posse comum de valores enraizados: língua, costumes, culinária, posturas corporais e demais coisas do cotidiano.

O termo indivíduo parece superado, talvez seja preciso falar na chamada Pós-Modernidade de uma **"persona"** que desempenha diversos papéis nas tribos às quais adere. Nas suas conferências, quando está aqui no Brasil, MAFFESOLI esclarece: trata-se de juntar-se aos seus outros, com os quais é possível falar, trabalhar, passear, mais fácil e compensador do que lutar por territórios (que já nem existem mais...), ressentir-se com os contrários, com os opositores.

De um modo geral, a identidade se fragiliza, enquanto as diferentes identificações, em contrapartida, multiplicam-se. Trata-se de se perder no outro, mas naquele que é possível perder-se, de modo que as diferenças continuem existindo, mas que seja possível, escolher com quem se quer estar, sempre que possível, é claro...

Assim, a Pós-Modernidade não acredita mais no aspecto inexorável do chamado "progressismo", mas dá muito mais importância à sabedoria "progressiva" que busca a realização do eu e o desabrochar pessoal no instante e no presente, vividos com toda a intensidade.

Na Pós-Modernidade nascente, a tecnologia favorece um real encantamento do mundo e para enfatizar tal fenômeno, pode-se falar de renascimento de um mundo imaginal, ou seja, de uma maneira de ser e de pensar perpassadas pelo imaginário, pelo imaterial.

Seja como for a maneira de expressão do **"imaginal"**, virtual, lúdico, onírico, ele estará presente e não será mais relegado à vida privada e individual, mas figurará como elemento constitutivo de um estar-junto fundamental.

Tal constatação parece afirmar que o social cresce em socialidade, integrando formas humanas descartadas pelo racionalismo moderno, mas que são essencialmente humanas e devem fazer parte da análise que se faz do homem em sociedade, sem o que essa análise é ridiculamente incompleta, fragmentária e reducionista, portanto, não serve mais aos tempos que não comportam representações fechadas e acabadas da sociedade, que é móvel, desterritorializada e absolutamente dinâmica pelo fluxo constante da comunicação.

Nossa época se apresenta como de profunda atenção para com a instabilidade das coisas, onde tudo é efêmero, volátil, sem permanência, o que pode ser perfeitamente verificado nas tendências da moda de hoje, de parâmetros não-formatados, assimétricos, sempre prontos a mudar, a receber outros elementos.

Os espaços a que nos referimos são os espaços de sociabilidade e o que nos interessa tratar agora, é o nosso posicionamento nesses espaços em que vivemos, atuamos e para tal reflexão vamos tecer algumas considerações sobre eles. Iniciamos por uma apresentação das relações entre o centro e a periferia, com todas as conseqüências daí advindas, quer em termos geográficos ou de poder, de inserção ou de exclusão.

O centro é um nó de fluxos, densamente interconectados consigo mesmo e com o mundo, enquanto a periferia é uma extremidade da rede e uma zona de interações de curto alcance e baixa densidade, sendo os contatos mais distantes, difíceis e custosos. A periferia é mal conectada consigo mesma e suas ligações com os meios são controladas pelo centro.

Obviamente, portanto, que o fenômeno da interconexão em curso reforça a centralidade, o poder dos centros intelectuais, econômicos e políticos já estabelecidos. Mas também é verdade que através dos movimentos sociais, das redes de solidariedade, das iniciativas de grupos

e de projetos pedagógicos alternativos, todos os sujeitos sociais podem ter acesso a melhores condições de vida, se coletivamente participarem desse poder, algo parecido com a chamada Inteligência Coletiva apresentada por Pierre Lévy.

Cada vez mais será um poder nascido da capacidade de aprender e de trabalhar de maneira cooperativa, relacionado com o grau de confiança e de reconhecimento recíprocos reinantes num contexto social determinado.

Claro está também, que essa tendência não vai acarretar automaticamente mais igualdade entre os homens, mas deve levar sim a um novo relacionamento, que seja cada vez mais favorável aos grandes princípios humanistas já proclamados pela Revolução Francesa - os ideais de Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

Principalmente hoje, quando as conseqüências do estopim da globalização alteram as condições do estar-no -mundo, pois, todas as cidades recebem todos os povos, todas as mercadorias são selecionadas pelo seu valor de mercado e compradas das regiões que possuem a mão de obra mais barata, escravizada, explorada e assim por diante. É sim uma questão econômica essa da globalização, mas é também de efeitos múltiplos, de alteração nas relações humanas, quer se aceite essa idéia ou não. Basta caminhar por qualquer rua de qualquer cidade, da periferia ou do centro, de qualquer país, ou entrar em qualquer "free-shopping" existente em qualquer aeroporto, que a sensação é a mesma, de uniformidade total, um nivelamento através da moda, seja feita com a autenticidade das grifes ou de imitações finas e até mesmo grosseiras das mesmas.

Entramos aí no mundo dos asiáticos - os produtos são chineses, tailandeses, coreanos, em sua grande maioria e são comprados por todas as classes sociais, variando muito o preço e a qualidade, nem sempre notada à primeira vista. Varia também o local em que a mercadoria está sendo vendida, se nos camelôs das ruas e calçadas, nas praças ou camelódromos a eles destinados ou em locais especiais para as classes mais favorecidas, nos grandes templos do consumo de luxo.

No constante fluxo: centro-periferia; luxo - lixo; rico - pobre; massificado - original, global -local, típico do processo de globalização dominante, apontamos para reflexão, uma idéia sustentada por Pierre Lévy **a de que haverá logo, cada vez menos excluídos**. Ele segue então explicitando sua idéia e a questão refere-se à natureza do processo - se passivo e unidirecional ou, dialógico e interativo? Emancipador ou criador de novas dependências? (MENEZES, 2000: 204)

Ao se deter no ciberespaço, esse pensador o concebe como um dispositivo de comunicação qualitativamente original, que deve se distinguir das outras formas de comunicação de suporte técnico. Assim, a imprensa, o rádio e a TV, funcionam segundo um esquema:

UM PARA TODOS - um centro emissor envia mensagens na direção de receptores passivos e isolados uns dos outros. Não há, segundo ele, reciprocidade, nem interação.

O correio e o telefone desenham um esquema em rede, ponto a ponto, do tipo: UM PARA UM, no qual, ao contrário da irradiação da mídia, as mensagens podem ser endereçadas com precisão e, sobretudo, trocadas com reciprocidade. Observa ainda que esse esquema não cria comunidade, pois a partilha de um contexto em grande escala é muito difícil.

Então, sua noção do ciberespaço combina as vantagens dos dois sistemas anteriores: permite, ao mesmo tempo, a reciprocidade na comunicação e a partilha de um contexto, que emerge da interação entre os participantes.

De forma que no esquema TODOS - TODOS - haverá mais condições de inserção ou de inclusão, no que se refere à comunicação, que é a condição favorável ao desenvolvimento de processos de inteligência coletiva.

Assim, a comunicação daí derivada é, segundo o autor, interativa e coletiva, constituindo por tal característica, a **principal atração do**

ciberespaço, ou seja, o espaço da inclusão.

O surgimento do ciberespaço cria uma situação de desintermediação, cujas implicações políticas e culturais estão aí para serem analisadas, pelos diversos segmentos que compõem a sociedade e, portanto, também pela Universidade, já que uma das funções da Universidade é representar a sociedade (DERRIDA, 1999) de forma que aos cientistas sociais, dela oriundos, cabe incluir o estudo da MODA como representação das expressões humanas no contexto desse processo espetacular da globalização.

Trata-se de compreender as mediações simbólicas, onde a imagem atua como vínculo social numa dada sociedade, cuja totalidade dinâmica a torna irrepresentável. Então pergunta - se: como fazer para intelectualmente abordar os problemas ligados a esses fenômenos atuais?

Inicialmente é preciso considerar que a abordagem desse problema deve ser de absoluta serenidade frente ao novo contexto vivo, mutante, em inflação contínua da comunicação humana. Serenidade para lidar com esse novo contexto, até porque ele representa o fim, mesmo que hipotético, dos contextos modernos, para os quais fomos devidamente formados, o que constitui um grande desafio, principalmente no sentido de compreender que o imenso hiperdocumento planetário da WEB, o Correio Eletrônico, os Grupos de Discussão, que configuram a interconexão mundial dos computadores, está tomando um sentido sob nossos olhos e transformando todos os MODOS de comunicar tudo.

Observa-se igualmente o seguinte:

- a aparição de um hiperdocumento produzido e lido virtualmente por todos, ou um meta-texto que manifesta a mensagem plural e não totalizável que a humanidade envia para si mesma, no fundo é uma interface entre seres humanos, um modo objetivo de pôr subjetividades em relação.

Fazendo um paralelo, para melhor compreensão do assunto que estamos abordando, temos que o Estado, as religiões, a mídia e outras formas culturais/ sociais / econômicas, dentre elas, a Universidade, sempre pretenderam representar coletivos humanos, dar-lhes uma forma. Ocorre que todas essas tentativas de representação são parciais e redutoras, como já se sabe há muito, ao mesmo tempo, sabe-se também e não surpreende nada, que a Internet seja irrepresentável e, talvez por isso, por encarnar a primeira materialização não-redutora da cultura, do contexto ou do hipercontexto mediador é que assusta tanto, leva ao desconforto, por ser visível hoje, que a totalidade dinâmica da sociedade é irrepresentável.

A situação se afigura circunscrita nos seguintes parâmetros:

- só há virtualmente uma sociedade;

- o texto multiplica-se, complexifica-se, explora-se cada vez melhor com novos instrumentos de pesquisa e de navegação.

Por outro lado,

- só há um texto: o texto humano;

- só há uma página, mas desterritorializada, página plural que cresce e muda conforme o processo de leitura e de redação distribuídos em massa, simultâneos, paralelos.

Paradoxal? Claro que sim!

Um universal sem totalidade.

Claro está que a realidade é complexa. E, mais do que nunca precisamos de serenidade para a prática do conhecimento que parte de uma realidade complexa. Claro que sim, que o nosso objeto de análise é complexo, sempre foi, ainda que nem sempre tenha sido assim tratado. Hoje, os tempos são outros e exigem um pensamento também complexo para as tentativas de compreensão de um universal sem totalidade.

É o momento de ver o que cessa (nesse estudo específico, intrínseco ao papel da Universidade), para melhor apreciar o que tende a ocupar-lhe o lugar. Assim, é preciso que a Universidade trate de conhecer o que germina, em profundidade, a fim de propor pistas para bem realizar essas reflexões" .

É justamente essa a proposta - a de que podemos ler o mundo com os olhos voltados para o cotidiano, que se encontra submerso no ciberespaço - como uma forma de reflexão sobre o novo papel da Universidade, atuando nos múltiplos espaços de vivência dos grupos humanos.

Para finalizar, o que temos para pensar, como forma de provocação é:

- Através de quais manifestações simbólicas os grupos humanos conseguem se diferenciar do todo homogêneo que é imposto pela globalização?

- A MODA, não é ela própria, um desses sistemas homogeneizadores dos homens em escala planetária?

São apenas algumas das reflexões que trazemos para este Congresso, que tem por objetivo tratar da questão da MODA através de aspectos transdisciplinares e os aqui expostos podem ser entendidos como os espaços da globalização e da tecnologia, de maneira bastante ampla.

BIBLIOGRAFIA

BARTHES, Roland. **Inéditos**. Vol 3 - **Imagem e Moda**. São Paulo, Martins Fontes, 2005.

DERRIDA, Jacques. **O Olho da Universidade**. São Paulo, Estação Liberdade, 1999.

LÉVY Pierre. **Tecnologias da Inteligência - O Futuro do Pensamento na Era da Informática**. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1993.

MAFFESOLI, Michel. **Elogio da Razão Sensível**. Petrópolis, Vozes, 2001, 2ª. ed..

MENEZES, Francisco Martins e Juremir Machado da Silva. **Para Navegar no Século XXI**. Porto Alegre, Sulina, 2000, 2ª. ed..
